

Modos de Viver e Ensinar, práticas que se entrecruzam: um estudo sobre professoras das séries iniciais e ensino da História nos primeiros anos escolares. (1980-2004)

Nilza Aparecida da Silva Oliveira – PPG-UFU

Esta pesquisa ainda será desenvolvida e tem como foco discutir a vivência social e profissional de professoras* que trabalham nas séries iniciais da rede municipal de ensino em Uberlândia- MG, observando as influências desse viver na formação das docentes e nas práticas adotadas para o ensino de História.

O interesse de realizar essa pesquisa se deu a partir de minha vivência como professora de 1ª a 4ª série do ensino fundamental na escola municipal Mário Alves Araújo Silva em Uberlândia. Esse interesse aprofundou-se ainda mais após desenvolver uma pesquisa monográfica - *A História local ensinada nas 3ª séries do ensino fundamental em Uberlândia: (re)pensando o material didático* - nos anos de 2003/2004 sobre o ensino de História local que ocorre atualmente no município, especialmente na 3ª série do Ensino Fundamental.

Percebi através da monografia desenvolvida uma série de problemas referentes à abordagem teórica e metodológica da História ensinada nas primeiras séries do ensino fundamental. Na verdade, a prática diverge das orientações sugeridas pela Proposta Curricular de História da Secretaria Municipal de Educação de Uberlândia. Enquanto a última acompanhou os debates acadêmicos e as tendências críticas da historiografia e do ensino de História, a primeira continuou na perspectiva da História oficial de cunho positivista e isso tem contribuído para reafirmar a história de caráter conservador.

Este trabalho realizado durante a graduação foi importante para que eu percebesse a necessidade de elaborarmos um estudo mais aprofundado sobre os motivos que levam as professoras das séries iniciais a adotar quase sempre uma prática de ensino da História linear, factual, abordando unicamente uma versão da historiografia que é a História oficial, pois percebe-se que a criança está recebendo um conhecimento histórico que não possibilitará uma formação crítica que a leve a questionar a estrutura social na qual se

insere, aceitando de maneira condicionada, desde cedo, o capitalismo globalizado. Essa educação histórica se contrapõe com o que acreditamos ser a função da disciplina História: levar o aluno a construir um conhecimento crítico diante da realidade e do mundo, para que ele perceba que é possível superar essa forma de organização social. Por outro lado, como diz Marc Ferro:

Não nos enganemos: a imagem que fazemos de outros povos e de nós mesmos está associada à História que nos ensinaram quando éramos crianças. Ela nos marca para o resto da vida. Sobre esta representação, que é para cada um de nós uma descoberta do mundo e do passado das sociedades, exertam-se depois opiniões, idéias fugazes ou duradouras, como um amor... mas permanece indelével as marcas das nossa primeiras curiosidades, das nossas primeiras emoções (FERRO, 1983, p.11).

De fato, dificilmente esquecemos os nossos primeiros conhecimentos históricos, e podemos afirmar que estes influenciam na formação da personalidade, no modo de conceber o mundo e conseqüentemente na práxis da transformação social. Nesse sentido, nós historiadores, devemos nos preocupar com o ensino de História desde as séries iniciais.

É importante questionar, porque a prática em sala de aula permanece reproduzindo a estrutura social através do ensino da História factual-positivista, apesar da Proposta Curricular de História do município propor um ensino da História, voltado para a formação crítica do aluno e a transformação social?

Alguns fatores, percebidos durante a pesquisa monográfica, que impedem uma prática crítica para o ensino de História diz respeito às condições reais de trabalho, e a formação das profissionais, que em sua maioria são pedagogas. O fato de não terem um conhecimento aprofundado sobre os procedimentos da história, e levando em consideração a própria vivência num cotidiano agitado, dividido entre trabalho na escola e ocupações do dia-a-dia – cuidar dos afazeres do lar, auxiliar o filho nas tarefas, incluindo a extensão do trabalho da escola que é levado para casa (corrigir provas, elaborar planos de aulas e outros) – são elementos imprescindíveis para se pensar a prática das referidas professoras.

Assim, a proposta aqui é um estudo investigativo sobre as experiências sociais, culturais e econômicas, enfocando a formação profissional de professoras que trabalham

ensinando os primeiros conhecimentos históricos, fazendo uma análise sobre de que forma essas vivências interferem nas opções de escolha da profissão, nesse caso professora, e de que forma esse viver influencia nas práticas pedagógicas cotidianas, bem como nas opções teórico-metodológicas do ensino da História nos primeiros anos escolares.

Acredito na hipótese de que a opção pela prática docente acomodativa, o que leva a um ensino de história norteado pela linearidade e por um caráter factual, está intrinsecamente relacionada à formação inicial e à história de vida das mesmas. Conforme Selva Guimarães Fonseca: “A análise do modo de ensinar deve ser feita considerando fundamentalmente a pessoa-professor” (FONSCECA, 1997, p.14). E esta é a proposta deste estudo.

Creio que essa pesquisa poderá contribuir para compreendermos vários problemas existentes hoje no ensino da história nas primeiras séries do Ensino fundamental, referentes ao relacionamento professor-aluno, além daquele aqui discutido que ocorre no ensino de História – Continuidade do ensino positivista-oficial de caráter conservador.

Pode-se afirmar que o professor é “peça-chave”, ou seja, ocupa uma posição estratégica na construção do conhecimento histórico do aluno. Sendo assim, conhecer a complexidade social na qual esses sujeitos sociais estão inseridos permitirá apontar, talvez por meio de outros estudos, estratégias de superação dos problemas que envolvem a prática de ensino e aprendizagem nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

É importante ressaltar que essa pesquisa não se fará isoladamente das questões sociais e políticas mais amplas, mas pretende relacionar as vivências das professoras com as mudanças sociais provocadas pelas políticas governamentais que interferiram e interferem na educação escolar. Isso se justifica pelo fato de que as determinações que ocorrem na estrutura política do país afetam diretamente ou indiretamente a educação e a vida social. Segundo José M. Esteve,

O significado e os problemas atuais da função docente só podem equacionar-se com exatidão situando-os no processo de transformação do sistema educativo.(...) O estudo da influência da mudança social sobre a função docente pode servir como

chamada de atenção à sociedade, para que compreenda as novas dificuldades com que se debatem os professores. (ESTEVE, 1991, p.98).

Assim, a pesquisa tem em vista a perspectiva histórica, no sentido em que pretende inserir as experiências e vivências de professoras num contexto maior que é o processo histórico de formação e transformações do sistema educativo brasileiro. Para isto delimito o período de 1980 à década de 2000. Esse recorte cronológico se justifica por ser na década de 80 que se iniciaram as discussões e revisões dos currículos nacionais, acontecendo uma renovação nas propostas curriculares de todo Brasil e também por ser possível o acesso às fontes documentais desse período.

A metodologia proposta para o desenvolvimento deste estudo será a História oral e a análise crítica de documentos como, planos de aula das professoras, caderno dos alunos. Através dos planos de aula, dos cadernos dos alunos aprofundarei as análises já iniciadas na monografia, sobre as práticas nas salas de aula para o ensino de História nas primeiras séries escolares.

O procedimento essencial para o desenvolvimento desta pesquisa é a história oral, pois este será o método que fará emergir as inquietações, as interpretações sobre o contexto social vividos pelas professoras, as suas visões de mundo, além de uma cultura de hábitos e labutas do cotidiano social e profissional, bem como as questões que implicam na forma de ser e ensinar das professoras.

Conforme FONSECA, “a maneira como cada um de nós ensina está diretamente ligada à nossa maneira de ser, aos nossos gostos, vontades, gestos, rotinas, acasos, necessidades, práticas religiosas e políticas” (FONSCECA, 1997, p.14). Sendo assim, uma análise sobre o ensino da História deve considerar as vivências e experiências daqueles que conduzem o processo de construção do conhecimento (professores) e isso implica a atividade do diálogo num exercício de fala e escuta entre o pesquisador e o depoente.

Entretanto, devemos estar cientes que lidar com os registros orais exige de nós historiadores um rigor e um procedimento coerente com o buscar do conhecimento histórico.

Em outras palavras: não podemos ser inocentes ao traduzir os depoimentos na escrita da História. Todo relato traz em si subjetividades. Por outro lado a memória é seletiva e nem sempre deixa vir à tona todas as imagens que vivenciamos.

Nesse sentido, não podemos esperar que os relatos orais falem por si mesmos, limitando-nos à reprodução das narrativas, mas devemos cuidadosamente nos aproximar desta fonte num exercício interpretativo, buscando os significados contidos em cada narrativa e que nos fala sobre um social complexo e dinâmico. Para isso é fundamental que as entrevistas sejam analisadas tendo em vista um suporte teórico que nos oriente no trabalho. Não estou com isso afirmando que as teorias devem ser apropriadas pelo pesquisador como um manual pronto a ser seguido com passos pré-fixados, mas que os fundamentos teóricos são importantes para a discussão dos conceitos e análises de procedimentos.

Dentre os inúmeros escritos que se dedicam ao estudo da história oral como metodologia, que podem subsidiar esta pesquisa, estão o texto de Chantal de Tourtier-Bonazzi, *Arquivos: propostas metodológicas – o desenvolvimento de entrevistas (1998)* e também *A invenção do depoimento oral (1998)* de Daniele Voldman. Estes autores abordam e discutem sobre o proceder diante da fonte oral (depoimento) para não cairmos nas armadilhas da subjetividade, e dos enganos da memória, além de nos indicar como o pesquisador deve se comportar no decorrer do processo de elaboração do conhecimento histórico e aqui se inclui o momento das entrevistas, da transcrição, da interpretação e da publicação.

Notas

*Utilizo a forma feminina para me referir aos professores das séries iniciais, uma vez que essa categoria profissional é constituída na sua maioria por mulheres.

ESTEVE, José M.. Mudanças sociais e Função docente. In: NÓVOA, Antônio (Org.). **Profissão Professor**. Porto: Porto Ed., 1991, pp.93-125.

FERRO, Marc. **A Manipulação da História no ensino e nos meios de comunicação**. São Paulo: Ibrasa, 1983.

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História oral de vida**. Campinas: Papirus, 1997.

OLIVEIRA, Nilza Ap. da Silva. **A História local ensinada nas 3ª séries do ensino fundamental em Uberlândia: (re)pensando o material didático**. Uberlândia, 2004. Monografia Instituto de História – UFU.

TOURTIER-BONAZZI, Chantal de. Arquivos: propostas metodológicas – o desenvolvimento da entrevista. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp.233-245.

VOLDMAN, Daniele. A Invenção do depoimento oral. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes(Org.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: ed. Da Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp.247-265.